



**CENTRO DE HUMANIDADES - DEPARTAMENTO DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LINGUÍSTICA**

CARLA CRISTINA COSTA DA SILVA

CONSTRUINDO COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS

GUARABIRA – PB

2014

Carla Cristina Costa da Silva

CONSTRUINDO COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Linguística, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Língua e Linguística, sob a orientação da Prof^a. Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva.

Guarabira – PB

2014

S586c Silva, Carla Cristina Costa da
Construindo competências comunicativas [manuscrito] : /
Carla Cristina Costa da Silva. - 2014.
51 p.

Digitado.

Monografia (ESpecialização em Língua Portuguesa e
Linguística) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2014.

"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Letras e
Educação".

1. Língua portuguesa. 2. Parâmetros Curriculares Nacionais.
3. Competências comunicativas. I. Título.

21. ed. CDD 469.07

Carla Cristina Costa da Silva

CONSTRUINDO COMPETÊNCIAS COMUNICATIVAS

Aprovado em 25 abril de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva

Prof^a Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva
(Orientadora)

João Paulo Fernandes

Prof. Ms. João Paulo Fernandes
(Examinador 1)

Luana Anastácia Santos de Lima

Prof^a Ms. Luana Anastácia Santos de Lima
(Examinadora 2)

Guarabira – PB

2014

Dedico aos meus pais Sebastião Cícero da Silva e Cariozete Costa da Silva; aos meus irmãos José Carlos Costa da Silva e Samara Costa da Silva; e ao meu esposo Josélio Marinho da Silva.

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso Supremo Pai, por ter me dado força para enfrentar o desafio de chegar ao fim deste Curso.

A todos os professores que passaram em minha vida até este momento.

E em especial, à professora Rosângela Neres, por ter aceitado ser minha orientadora.

*Só aprende aquele que se apropria do aprendido,
Transformando-o em apreendido, como o que
pode, por isso mesmo,
Reinventá-lo;
Aquele que é capaz de aplicar o aprendido –
apreendido à situações existenciais concretas.*

Paulo Freire

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo apontar como as competências em Língua Portuguesa, estabelecidas pelos PCNs, estão sendo construídas pelos alunos do 5º ano da Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho, na cidade de Guarabira, Paraíba. A fim de que haja uma adequada compreensão da discussão, o trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: as causas do estudo, o problema, o objetivo, e a relevância deste estudo; a fundamentação teórica da pesquisa e uma análise dos PCNs na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias. Para tanto, a metodologia estabelecida para o desenvolvimento da pesquisa agrupa os dados coletados no 5º ano da Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho, e sua análise, mediante à fundamentação teórica selecionada para embasar a pesquisa, com as abordagens de Alessandrini (2002), Bagno (2001), Macedo (2002), Perrenoud (2002), dentre outros. Os resultados mostram que as competências em Língua Portuguesa, estabelecidas pelos PCNs, ainda não estão sendo construídas pelos alunos e indicam que mudanças significativas no desenvolvimento dessas competências faz-se necessário.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Parâmetros Curriculares Nacionais. Competências.

ABSTRACT

This monograph aims to point out how Portuguese language competences, established by PCNs, have been constructed by the students of 5th grade from Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho, in the city of Guarabira, Paraíba. Intending a proper comprehension of our discussion, this work is divided into: research causes, problem, objective, and the relevance of this study; the research theoretical basis and an analysis of PCNs in languages, linguistic codes and its technology. For this, the methodology selected to its development gathers data collected on the 5th grade of Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho, and its analysis, based on theoretical the approaches by Allessandrini (2002), Bagno (2001), Macedo (2002), Perrenoud (2002), among others. The results show that the Portuguese Language competences, established by PCNs, still have not been constructed by students and indicate that relevant reformulations on their development are needed.

Keywords: Portuguese Language. Parâmetros Curriculares Nacionais. Competences.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS PARÂMETROS CURRICULARES E AS COMPETÊNCIAS	13
2.1 Focalizando o problema e delimitando o objetivos	15
3 CONCEPÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM	18
3.1 Ensino baseado em competência	19
3.2 Competências em construção	21
3.3 Caracterização da língua oral e escrita	22
4 OS RESULTADOS	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	32

1 INTRODUÇÃO

Este estudo trata do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, no que tange à construção das competências comunicativas, sugeridas pelos PCNs, para o primeiro ciclo do ensino fundamental. Nosso principal objetivo geral é identificar os meios pelos quais as competências em Língua Portuguesa, segundo os PCNs, são constituídas pelos alunos do quinto ano da Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho, na cidade de Guarabira, Paraíba.

O desenvolvimento das competências comunicativas na escola é importante, sobretudo no primeiro ciclo da aprendizagem da língua materna, pois é dele que partirá toda a aprendizagem e a prática com as habilidades linguísticas. Assim sendo, para alcançar nosso objetivo, foram aplicados questionários com os alunos e a professora do quinto ano, a fim de investigar a prática do ensino da língua materna nessa turma, levando em consideração a maneira como as competências básicas da Língua Portuguesa estabelecidas pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, no que se refere à interpretação da língua e dos diversos aspectos que a envolvem, são realizadas.

Dessa forma, a importância de nossa pesquisa está na necessidade de compreendermos certas situações com as quais nos deparamos, ao trabalhar com a Língua Portuguesa, identificando como as competências estabelecidas pelos PCNs são construídas. Nossa pesquisa busca, assim, um entendimento do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, na observação direta de um contexto real de assimilação das competências.

Entendemos que o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa deve ocorrer de acordo com as necessidades dos docentes e dos discentes, trocando mutuamente os saberes da construção das competências comunicativas. Desse modo, apresentamos aqui uma visão reflexiva de tal construção, dividindo nossa investigação nas causas do estudo, na delimitação do problema e do objetivo da pesquisa, embasados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e nas abordagens de estudiosos como Allessandrini (2002), Bagno (2001), Macedo (2002), Perrenoud (2002), dentre outros.

Inicialmente, apresentamos as diretrizes dos Parâmetros Curriculares e os conceitos de competência, focalizando o problema detectado na série escolar já mencionada e os objetivos de sua análise. Explicitamos as concepções de ensino-aprendizagem, o ensino baseado em competência e a caracterização da oralidade e da escrita. Prosseguimos com a delimitação de nosso corpus e a análise dos dados coletados na escola e, nas considerações finais, discutimos alguns aspectos relevantes encontrados nos resultados de nossa pesquisa.

2 OS PARÂMETROS CURRICULARES E AS COMPETÊNCIAS

Sabendo da competência do ser humano de decidir, julgar e comunicar o mundo no qual vive, há, nesta pesquisa, uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem da nossa língua materna, no tocante à construção/desenvolvimento da competência comunicativa.

Ao longo da experiência como aluna e professora, sempre ouvi reclamações sobre a aprendizagem da língua e de como a deficiência nessa aprendizagem pode advir do próprio processo de ensino e do não desenvolvimento eficaz das competências. Daí, o interesse pela investigação do(s) motivo(s) que proporcionam essa lacuna.

Segundo Almeida(1978):

Conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. É de consequências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos. A língua é a mais viva expressão de nacionalidade (p. 07).

No entanto, isso não é algo comum em nosso dia a dia. Cada vez observamos mais frequente a falta de estímulo dos alunos para ler e escrever, para “aprender” a Língua Portuguesa.

Geralmente os professores estão insatisfeitos com o trabalho e os alunos têm um baixo desempenho linguístico, não compreendem o que leem e são responsabilizados por isso. Mas, esse insucesso no processo de ensino-aprendizagem dos alunos é também de nossa responsabilidade, os professores. De acordo com Perrenoud (2002, p.118), é competência do professor organizar e dirigir situações de aprendizagem, mas de maneira diferente, considerando as características dos próprios alunos e o conhecimento linguístico que eles possuem.

Estudar a nossa Língua Portuguesa é compreender como ela funciona e seus usos, e pensar a função da linguagem no dia a dia. E a tarefa desse ensino conscientizador é do profissional educador e uma responsabilidade da profissão.

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social e efetiva. Ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir aos seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável a todos (PCN, 1997, volume 2, p. 15).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a língua é tida como instrumento de libertação social do indivíduo. Porém, o que presenciamos no cotidiano é a imposição da escola no modo de falar e de conceber o mundo ao educando, distanciando-o, assim, dos saberes linguísticos.

Lívia Suassuna(2002, p. 32) aponta que:

Qualquer professor de língua portuguesa é capaz de lembrar a sua própria história escolar e admitir que ela foi quase que uma mera repetição da imposição do “certo e do errado”. A tendência natural, então, é que reproduza esse procedimento dogmático e prescrito na escola, acreditando mesmo em seu funcionamento.

Logo, parece haver um padrão prescritivista no qual o método de ensino da Língua Portuguesa se desenvolve. Esse método é dogmático, baseado em repetições de regras formais que, muitas vezes, não fazem parte das regras comunicativas do cotidiano dos alunos.

Por isso, segundo Koch (1984, p. 160), o professor de Língua Portuguesa deve propor “métodos novos”:

Ao professor cabe a tarefa de despertar no educando uma atitude crítica diante da realidade em que se encontra inserido, preparando-o para “ler o mundo”; a princípio o seu mundo, mas, daí em diante, e paulatinamente, todos os mundos possíveis.

Mas, geralmente, o professor de Língua Portuguesa não recebe a devida formação e “prepara” seus alunos da mesma maneira como aprendeu a língua. Macedo (2002, p. 120) aponta que:

Uma situação-problema, como situação de aprendizagem, coloca um desafio intelectual, algo a ser superado. Ela pede antecipação dos resultados, planejamento, correr riscos, portanto, reflexão, tematização, disputa, enfrentamento de conflitos, tensões, paradoxos, alternativas diversificadas ou argumentações (p.120).

Observamos, assim, que a problemática no desenvolvimento das competências pode estar associada a vários outros fatores, tanto de ordem linguística quanto social.

2.1 Focalizando o problema e delimitando objetivos

Diante do exposto no tópico anterior, os questionamentos que norteiam nossa pesquisa são: Como as competências em Língua Portuguesa, estabelecidas pelos PCNs, são construídas pelos alunos do quinto ano da Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho, da cidade de Guarabira? De que modo essas competências são pensadas, planejadas e estabelecidas pela professora da turma?

Os PCNs abordam competências em Língua Portuguesa que exigem o desenvolvimento de certas habilidades por parte dos professores e dos alunos. Essas habilidades vão desde a compreensão de que a língua não é um sistema estável, que tem a possibilidade de variar e mudar, no decorrer do tempo e do uso na comunicação; que é objeto de ação e interação social; que é objeto cultural e um índice relevante de identidade; até o exercício cotidiano e comunicativo das linguagens (BAGNO, 2001, p. 20).

Entretanto, a realidade da Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho, a qual situamos o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, requer uma atenção especial por ser a escola na qual leciono e, conseqüentemente me preocupo com esse processo. A fim de investigar as

lacunas desse processo, consideramos o grau de entendimento sobre as competências básicas em Língua Portuguesa.

Os PCNs de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias são explícitos no tocante à necessidade de construir ambientes de aprendizagem propícios à construção de competências. Definem, ainda, as competências como “a capacidade humana de compreensão e utilização efetiva das estruturas formais, contextuais e comunicativas da língua materna. (p. 43)”.

Dessa forma, nossa investigação tenta responder às seguintes questões:

- Quais são expectativas em relação ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, por parte dos alunos e da professora do quinto ano da Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho?
- Como as tecnologias da comunicação estão sendo aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa?
- De que forma os alunos do quinto ano da Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho desejam o ensino de Língua Portuguesa, em relação à forma como as aulas são ministradas?

A prioridade da escola hoje tem sido o desenvolvimento das competências sociais e não apenas o ensino dos conteúdos disciplinares. Tem-se desenvolvido projetos na tentativa de inserir a escola nas premissas estabelecidas pelos PCNs, mas logicamente a dificuldade em implementar um planejamento eficaz para o ensino da língua também tem sido observada.

Segundo os PCNs, a Língua Portuguesa deve ser compreendida como língua materna, o que gera significação e integra a organização de mundo e da identidade. Sabendo que a língua que estuda é a língua de seus pais, de seu país e seu principal objeto cultural, o aluno a compreende não apenas como disciplina, mas como um sistema indispensável à sua identidade cidadã.

Conforme Alessandrini (2002, p. 161):

Aprendendo a ver com olhos observadores e reflexivos, a escutar o discurso que está sendo dito, a ler e a sentir o que está presente nas entrelinhas do texto gestual ou escrito, o educador torna-se

capaz de desenvolver uma nova consciência que lhe possibilita enxergar o tácito e o implícito no processo de aprendizagem de seu aluno. Desse modo, é convidado a desenvolver suas próprias competências, direcionando seus alunos para que aprendam a ser e a pensar (p. 161).

A tarefa de transformar o ensino da língua em um instrumento de ação e interação dentro da sala de aula é, portanto, do educador, que busca também desenvolver suas próprias competências, nesse processo. Em exercício mútuo, o educador e o educando encontram os caminhos do uso participativo da língua e constroem competências diversas.

3 CONCEPÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Historicamente, o processo de ensino-aprendizagem é caracterizado de diversas maneiras, destacando o papel do professor ao transmitir o conhecimento e as concepções desse processo.

Segundo Machado (2002, p. 152):

[...] Parece cada vez mais claro que tanto a formação escolar básica quanto a formação profissional justificam-se apenas se se concentrarem no desenvolvimento das competências pessoais. Estas certamente não são desenvolvidas sem que se estude muita ciência, sem o recurso constante a aparatos tecnológicos, concebidos para servir de meios à realização de nossos projetos.

Confirmamos, assim, que o processo de formação escolar perpassa muitos outros aspectos, além do desenvolvimento das competências pessoais. É importante lembrar que essas competências compõem um conjunto de outros fatores, associados às questões básicas e fundamentais de aprendizagem. É o processo de fusão entre o instrutivo e o educativo contribuindo para a formação integral da personalidade do aluno.

O processo de ensino-aprendizagem segue fins e propósitos de desenvolvimentos sociais e econômicos, baseia-se numa filosofia educacional, conveniada a concepções epistemológicas específicas, considerando os interesses institucionais e, geralmente depende de características, possibilidades e interesses dos discentes e docentes, todos que formam a escola, além da comunidade em geral.

Daí vem a procura de um modelo educacional que forneça ênfase ao exercício investigativo e construtivo do conhecimento. Os PCNs são, segundo Allessandrini (2002, p. 172) uma resposta à nova postura educacional:

Os temas transversais, longamente discutidos nos PCNs, representam uma direção educacional efetivamente norteadora, pois solicita-nos a refletir sobre a inserção real de nossos valores em nossa práxis, criando respostas coerentes com o que pressupõe uma ação reflexiva.

A principal atividade dos professores é estimular os alunos a fazer projetos pessoais e para a coletividade, que, a partir dos conteúdos aprendidos, eles sejam capazes de construir o próprio saber.

3.1 Ensino baseado em competência

O Ensino Baseado em Competência (EBC) não está associado a nenhuma filosofia de ensino-aprendizagem. Esse movimento recebeu ênfase no final da década de 60, nos Estados Unidos, e é reflexo de uma tendência cultural em progresso.

O desenvolvimento do Ensino Baseado em Competência teve a contribuição de uma força americana que vinha das pressões nas áreas comerciais e industriais, que priorizava a responsabilidade exigida aos homens para realizarem suas tarefas e, de uma outra força também americana que era modeladora e que direciona o ensino; segundo ela, era preciso haver uma personalização do ensino.

O ensino para a competência liberta professor e aluno do tradicional, a fim de que trabalhem de maneira própria e é por esse motivo que vem chamando a atenção de tantas pessoas.

A palavra competência possui hoje em dia uma grande importância e várias definições. A mais comum designa-a como um conjunto de conhecimentos e capacidades que permitem ao sujeito tomar uma série de decisões perante a sociedade. Entretanto, Perrenoud (2002, p. 19), afirma que:

Não existe uma definição clara e partilhada das competências. A palavra tem muitos significados, e ninguém pode pretender dar a definição. O que fazer então? Resignar-se à Torre de Babel? Procurar identificar o significado mais comum em uma instituição ou em um meio profissional? Avançar e conservar uma definição explícita?

E acaba, posteriormente por definir a competência assim:

Atualmente, define-se uma competência como a aptidão para enfrentar uma família de situações analógicas, mobilizando de uma forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, micro competências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio.

Os saberes da vida dos alunos devem ser sempre o primeiro passo para o saber pedagógico do professor, para que aqueles apliquem e compreendam o mundo letrado, assim sendo fica mais fácil identificar as competências que devem ser construídas.

O Ensino Baseado em Competência tornou-se uma grande revolução porque prioriza o aluno na aprendizagem, não o professor e o processo de ensino. Esse ensino apresenta algumas dificuldades, tais como: listar suas competências básicas, pois as filosofias de educação variam de comunidade para comunidade. A avaliação também é uma dificuldade encontrada; em um programa desses deve haver meios adequados para se avaliar.

Embora vários fatores influenciem na aprendizagem dos alunos (interesse, motivação, disponibilidade de recursos, participação familiar etc.), no EBC, os professores são os responsáveis pelo desempenho de seus alunos. Mesmo com essas dificuldades, o EBC apresenta diversas vantagens, pois valoriza o tempo do professor e do aluno, minimizando o tempo que se “perde” em atribuir notas.

Perrenoud (2002, p. 8) alerta:

Talvez o grande perigo dos programas orientados para as competências seja não sustentar suas promessas, como também não proporcionar sólidos e verdadeiros conhecimentos àqueles que mais necessitam deles. Ao invés de estigmatizar os programas, seria melhor apontar as incoerências dos governos que os promulgam, mas não proporcionam os meios para que sejam aplicados, reforçando, assim, as desigualdades.

Então, um ensino baseado nas competências terá de viabilizar a aprendizagem, sobretudo, através de um cuidado indispensável com o planejamento. Uma vez em que todos os sujeitos são responsáveis pelo saber, é importante ter em mente que o processo só funciona se houver objetivos específicos para esse trabalho.

3.2 Competências em construção

Os Parâmetros Curriculares (1997, p. 65) apontam as diretrizes para o trabalho efetivo com as competências:

Não basta visar à capacitação dos estudante para futuras habilitações em termos das especializações tradicionais, mas antes trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional, preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos. Essas novas relações entre conhecimento e trabalho exigem capacidade de iniciativa e inovação e, mais do que nunca, “aprender a aprender”. Isso coloca novas demandas para a escola. A educação básica tem assim a função de garantir condições para que o aluno construa instrumentos que o capacitem para um processo de educação permanente.

Essa noção é feita de forma a beneficiar à educação para o trabalho. Segundo Ramos (apud Ramos, 2006, p. 160), os objetivos das competências no Ensino Fundamental, estão ligados ao desenvolvimento das capacidades de aprendizagem.

As competências, no Brasil, definem-se da seguinte forma:

Entendemos por competências os esquemas mentais, ou seja, as ações e operações mentais de caráter cognitivo, sócio afetivo ou psicomotor que, mobilizadas e associadas a saberes teóricos ou experiências, geram habilidades, ou seja, um saber fazer. (apud, BERGER, 1998, p. 8)

Elas são entendidas como estruturas mentais organizadas em rede, através da qual há interação entre os saberes do homem e da humanidade. As competências revelam, assim, saberes e experiências, e a partir daí surgem as habilidades.

Construir um currículo por competências não significa a não transmissão de conhecimento nem a construção de novos, já que esses processos são indissociáveis. As competências são como um norte orientador do currículo da Educação Básica e da formação do professor.

3.3 Caracterização da língua oral e escrita

Um dos princípios básicos para o desenvolvimento das competências é a habilidade requerida com o conteúdo linguístico dinâmico e corrente em nossa sociedade. De acordo com os PCNs (2001, p. 129 a 133), a língua oral consiste na:

- Escuta ativa dos diferentes textos ouvidos em situações de comunicação direta ou mediada por telefone, rádio ou televisão: inferência sobre alguns elementos de intencionalidade implícita (sentido figurado, humor, etc.), reconhecimento do significado contextual e do papel complementar de alguns elementos não-linguísticos para conferir significação aos textos (gesto, postura corporal, expressão facial, tom de voz, entonação).
- Utilização da linguagem oral em situações como as do primeiro ciclo, ampliando-as para outras que requeiram:
 - maior nível de formalidade no uso da linguagem;
 - preparação prévia;
 - manutenção de um ponto de vista ao longo da fala;
 - uso de procedimentos de negociação de acordo;
 - réplicas e tréplicas.

- Utilização de recursos eletrônicos (gravador e vídeo) para registrar situações de comunicação oral tanto para registrar situações de comunicação oral tanto para documentação como para análise.

A língua escrita, por sua vez, no que diz respeito à prática de leitura, consiste em:

- Atribuição de sentido, coordenando texto e contexto.
- Utilização de indicadores para fazer antecipações e inferências em relação ao conteúdo (tipo de portador, características gráficas, conhecimento do gênero ou do estilo do autor, etc.) e à intencionalidade.
- Emprego dos dados obtidos por intermédio da leitura para confirmação ou retificação das suposições de sentido feitas anteriormente.
- Uso de recursos variados para resolver dúvidas na leitura: seguir lendo em busca de informação esclarecedora, deduzir do contexto, consultar dicionário, etc.
- Utilização de diferentes modalidades de leitura adequadas a diferentes objetivos: ler para revisar, para obter informação rápida, etc.
- Uso de acervos e bibliotecas:

- busca de informações e consulta a fontes de diferentes tipos (jornais, revistas, enciclopédias, etc.), com orientação do professor;
- leitura de livros na classe, na biblioteca e empréstimo de livros para leitura em casa;
- socialização das experiências de leitura;
- rastreamento da obra de escritores preferidos;
- formação de critérios para selecionar leituras e desenvolvimento de padrões de gosto pessoal.

E no que diz respeito à prática de produção de texto, consiste em:

- Produção de texto considerando o destinatário, a sua finalidade e as características do gênero.
- Aspectos notacionais:
 - divisão do texto em frases por meio de recursos do sistema de pontuação: maiúscula inicial e ponto final(exclamação, interrogação e reticências); e reunião das frases em parágrafos;
 - separação, no texto, entre discurso direto e indireto e entre os turnos do diálogo, utilizando travessão e dois pontos, ou aspas;
 - indicação, por meio de vírgulas, das listas e enumerações no texto;
 - estabelecimento das regularidades ortográficas (inferência das regras, inclusive as da acentuação) e constatação de irregularidades (ausência de regras);
 - acentuação das palavras: regras gerais relacionadas à tonicidade.

- Utilização de dicionário e outras fontes escritas para resolver dúvidas ortográficas.
- Produção de textos utilizando estratégias de escrita: planejar o texto, redigir rascunhos, revisar e cuidar da apresentação.
- Controle da legibilidade do escrito.
- Aspectos discursivos:
 - organização das ideias de acordo com as características textuais de cada gênero;
 - utilização de recursos coesivos oferecidos pelo sistema de pontuação e pela introdução de conectivos mais adequados à linguagem escrita, expressões que marcam temporalidade e causalidade, substituições lexicais, manutenção do tempo verbal, etc.;
 - emprego de regência verbal e concordância verbal e nominal.
- Utilização da escrita como recurso de estudo:
 - tomar notas a partir de exposição oral;
 - compor textos coerentes a partir de trechos oriundos de diferentes fontes;
 - fazer resumos.

Cada um desses pontos requer experiência, planejamento e atividades específicas, exigindo do educador, primeiramente, compreensão abrangente sobre cada tópico e a decisão sobre que abordagens poderão contribuir com o processo. É nesse sentido que nossa investigação se faz necessária.

4 OS RESULTADOS

Como dissemos nos capítulos anteriores, nossa pesquisa objetiva investigar a construção das competências comunicativas, no quinto ano da Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho, situada em Guarabira, Paraíba. A nossa estratégia se baseou nas três visitas feitas à sala de aula em questão, nas quais foram observadas e avaliadas como são ministradas as aulas de Língua Portuguesa.

Após essas etapas, foram aplicados questionários, com perguntas que nos propiciavam delimitar um perfil dos sujeitos analisados, tanto os alunos quanto a professora da turma, tais como:

- ✓ Como você gostaria que fossem as suas aulas de Língua Portuguesa?
- ✓ Você consegue aplicar o conhecimento de Língua Portuguesa no seu dia a dia?
- ✓ Você está sendo orientado(a) para lidar com as diferenças e com as semelhanças entre a língua oral e escrita nas aulas de Língua Portuguesa?
- ✓ As tecnologias da comunicação e da informação são aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa?
- ✓ Interpretar os conteúdos estudados é uma prática comum nas aulas de Língua Portuguesa?
- ✓ Como é o seu relacionamento com sua professora?

A maioria dos alunos entrevistados pertence ao sexo feminino 11 (55%) e 9 (45%) pertence ao sexo masculino, o que é um reflexo da própria população da cidade de Guarabira, que é formada em sua maioria por mulheres. Os alunos têm entre 10 e 13 anos de idade e são oriundos de comunidades de baixa renda.

Segundo os resultados obtidos, a maioria dos alunos entrevistados considera o relacionamento com a professora bom, 12 alunos (60%), enquanto 8 alunos (40%) consideram esse relacionamento regular.

Para a professora, assim como para a maioria dos alunos, existe um bom relacionamento entre eles. Apesar de ela considerar a maioria dos alunos “meio preguiçosa e desinteressada”.

Na opinião de 11 do total de alunos (55%), interpretar as conteúdos não é uma prática comum em sala de aula; apenas para 7 alunos (35%) essa prática é comum e para dois deles (10%), às vezes eles interpretam os conteúdos estudados.

A professora acrescenta que os alunos não estão acostumados a refletir o que estudam, devido a uma série de deficiências enfrentadas por eles, desde que ingressam na escola.

A maioria dos alunos, 14 deles (70%), demonstra o desejo por uma aula de Língua Portuguesa com conteúdos mais interessantes e que façam parte do seu dia a dia.

Sobre a aplicação das tecnologias da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa, 10 alunos (50%) disseram que nunca usam, 5 alunos (25%) responderam que poucas vezes usam, e 5 alunos (25%) afirmaram que usam. Já a professora disse que, às vezes, usa as tecnologias da comunicação e da informação.

Sua prática vai, assim, de encontro ao fato de que as competências estão à disposição de todos nós para proporcionarmos um ensino-aprendizagem de qualidade nas escolas.

Segundo os dados coletados, 12 alunos (60%) responderam que não estão sendo preparados para lidar com as diferenças e com as semelhanças entre a língua oral e escrita, e 8 alunos (40%) responderam que sim. Mas a professora disse que todos alunos estão sendo preparados para lidar com tais diferenças e as semelhanças.

Vemos, então, que de acordo com os resultados, os alunos da escola em análise não estão sendo preparados para construir competências, pois confirmamos que está faltando, principalmente:

[...] considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordo com as condutas sociais, como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social (BAGNO, 2001).

Infelizmente, o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa em um estágio tão importante na vida do aprendiz permanece baseado na “língua” dos gramáticos e dos dicionaristas, tornando-se monótono e pouco eficiente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa baseou-se no princípio de que toda e qualquer interação envolve sujeitos e discursos com objetivo de construir significados educacionais. E a escola é o lugar ideal para o contato entre esses sujeitos e seus discursos, pois nela há pensamentos diferenciados que suscitam discussões importantes no processo de ensino-aprendizagem.

Ao pesquisarmos esses ambientes, no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, na Escola Municipal Paulo Brandão Cavalcante Filho, em Guarabira, encontramos uma situação que envolve questões sociais, culturais, políticas e didáticas.

A partir dos resultados obtidos da análise dos dados coletados, concluímos que as competências mencionadas em nosso trabalho não estão sendo efetivamente construídas pelos alunos do quinto ano que participaram da entrevista. Vimos que tanto os alunos quanto a professora da turma veem a importância de um Ensino Baseado em Competência (EBC). No entanto, percebemos que ela ainda não chegou ao desenvolvimento eficiente desse ensino.

É necessário assumir esse ensino para que as diretrizes propostas pelos PCNs sejam efetivadas. Esse fator pode levar os alunos, ao concluírem o Ensino Fundamental I, à uma construção produtiva das competências estabelecidas nos PCNs, tanto na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Vimos que o ensino de Língua Portuguesa não atende inteiramente às expectativas dos alunos, nem da professora, que aponta deficiências nas séries que antecedem o quinto ano, além da falta de interesse dos alunos.

A partir dos dados recorrentes dos questionários, fica claro que o apego às metodologias tradicionais de ensino, a falta de recursos didáticos-pedagógicos adequados e a falta de qualificação dos professores pesam muito no processo de aprendizagem dos alunos.

É preciso rever o significado de língua quando uma variante linguística é eleita e estudada como modelo, em detrimento de outras que também têm validade funcional e comunicativa e que são utilizadas no dia a dia.

O ensino da norma padrão é necessário, mas devemos diferenciar o ensino dessa norma de um ensino mais descritivo de Língua Portuguesa. O ideal é que competências diversificadas fossem desenvolvidas ao longo do processo de ensino-aprendizagem, a fim de maximizar o acesso dos sujeitos envolvidos nesse processo ao maior número de competências possível.

Concluimos, então, essa pesquisa com o raciocínio freiriano de que educar é um ato político. Os alunos e a professora entrevistados se mostraram dispostos a vencer a barreira da burocracia e da conteúdos estagnados que permeia a escola pública. No entanto, observamos que os envolvidos ainda não sabem por onde começar um novo processo de ensino-aprendizagem. É nítida a necessidade de implementar ações na escola que promovam uma atualização na formação da professora. De posse dos atuais conceitos de competência e dos modos de desenvolver o processo, ela seria capaz de planejar e aplicar em sala de aula essas “novas” aprendizagens.

A mudança prática da sala de aula é um processo lento, que requer atividades conscientes e promissoras, capazes de impulsionar uma mudança significativa nos ideais da educação. Sobretudo na área de Língua Portuguesa, faz-se necessária a conscientização de que a língua é a sociedade e que, nela, estamos vivenciando e experimentando nossas aprendizagens linguísticas. É dever da escola sistematizar essa relação, sabendo que esse trabalho é participativo, colaborativo. Como aponta Bagno (2007), “nada na língua é por acaso”; então, é hora de iniciarmos uma mudança.

REFERÊNCIAS

____. **Construir as Competências desde a Escola**. Porto Alegre: Artimed Editora, 1999.

____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

____. **Programas Escolares orientados para as competências**. O que fazer da ambiguidade? Pátio. Revista pedagógica, 2002.

ALLESSANDRINI, C.D. **As competências para Ensinar no Século XXI**. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ALMEIDA, N.M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 28. Ed. São Paulo, Saraiva, 1978.

BAGNO, Marco. **Português ou brasileiro?** São Paulo: Parábola, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. 3. Ed. Brasília: MEC, vol. 2, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Koch, IGV. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

MACEDO, M. **O multiculturalismo para além do jugo do positivismo**. Currículo sem Fronteiras, vol. 4, São Paulo, 2002.

MACHADO, Anna Rachel. A formação de professores como locús de construção de conhecimentos científicos. In: MAGALHÃES, M. C. C. **As faces da linguística aplicada**. São Paulo: EDUC. 2002.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de Língua Portuguesa**: Uma abordagem pragmática. 2. Ed. Campinas: Papiros, 2000.

ANEXOS

Nome completo: G. M.

Idade: 10 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: M. Lb. de L. F.

Idade: 10 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: A. de L. G.

Idade: 22 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: R. P. M.

Idade: 11 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: M. de F. S.

Idade: 13 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: J. S. S.

Idade: 10 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: G. P. da S.

Idade: 19

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: M. G. S. A.

Idade: 12 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: M. H. S. de L.

Idade: 20 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: M. F. B.

Idade: 15 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: M. G. P. dos S.

Idade: 10 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo:

J. S. B. da S.

Idade: 10 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
() regular
() ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
() às vezes
() não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
() não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- () sim
 às vezes
() não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
() não

Nome completo: J. dos S.

Idade: 13 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: A. M. S.

Idade: 13 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: J. da S. S.

Idade: 10 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: A. dos S. S.

Idade: 10 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: K. R. da S.

Idade: 10 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: A. K. de M. M.

Idade: 11 anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: V. M. da S.

Idade: 11

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
 regular
 ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- sim
 às vezes
 não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
 não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- sim
 às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
 não

Nome completo: S. da S.

Idade: 12 Anos

Questões Propostas

1. Como é seu relacionamento com a professora?

- bom
() regular
() ruim

2. Interpretar os conteúdos é uma prática comum em sala de aula?

- () sim
 às vezes
() não

3. Você deseja ter aulas de Língua Portuguesa com conteúdos que façam parte do seu cotidiano?

- sim
() não

4. Você usa a tecnologia da comunicação e da informação nas aulas de Língua Portuguesa?

- () sim
() às vezes
 não

5. Você está sendo preparado nas aulas de Língua Portuguesa para lidar com as diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita?

- sim
() não